

RIBAS, Y. R.; BRANGEL, L. Construção, moradia, lugar, espaço e família: estudo dos significados sobressalentes da palavra “casa” no âmbito da Lexicografia Cognitiva. *ReVEL*, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

## **Construção, moradia, lugar, espaço e família: estudo dos significados sobressalentes da palavra “casa” no âmbito da Lexicografia Cognitiva**

*Construction, habitation, place, space and family: a study on the prominent meanings of “casa” in the field of Cognitive Lexicography*

**Yasmin Rodrigues Ribas<sup>1</sup>**

**Larissa Moreira Brangel<sup>2</sup>**

[yasminrodriguesribas5@gmail.com](mailto:yasminrodriguesribas5@gmail.com)

[larissa.brangel@ufrgs.br](mailto:larissa.brangel@ufrgs.br)

**RESUMO:** O presente trabalho situa-se no campo da Lexicografia Cognitiva por propor uma análise lexical orientada pela Semântica Cognitiva, cujo objetivo é sugerir aprimoramentos para obras lexicográficas brasileiras. Inicialmente, foi realizada a análise qualitativa do verbete “casa” no Dicionário de Usos do Português do Brasil, cujas acepções foram esquematizadas em mapas conceituais. Os mapas conceituais elucidaram os diferentes nichos de organização dos significados da palavra “casa”, que foram dispostos em estrutura radial e nomeados como “construção”, “moradia”, “lugar”, “espaço” e “família”. A esquematização tornou possível observar a grande quantidade de significados polissêmicos da palavra “casa” no português brasileiro, sobretudo no que diz respeito à presença de significados figurados fortemente motivados pelos fenômenos da metáfora e da metonímia. Na segunda etapa, as ocorrências de “casa” foram observadas em um corpus formado por textos escritos para crianças. A análise do corpus evidenciou os significados mais prevalentes de “casa” em livros voltados para crianças, mostrando que, embora os significados mais concretos apareçam mais vezes nesses textos, a linguagem figurada também tem papel importante nas obras, sendo imprescindível a identificação e o reconhecimento desses significados por parte das crianças durante suas atividades de leitura. Por fim, foi realizada a análise do verbete “casa” de três obras lexicográficas escolares e procedeu-se à esquematização de um mapa mental para cada verbete estudado. Essa última etapa da pesquisa revelou que os dicionários escolares nem sempre registram todos os significados de “casa” presentes nos livros infantis, o que aponta para uma falha desses materiais pedagógicos e para a necessidade do aprimoramento da pesquisa com corpus no âmbito da produção lexicográfica brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia Cognitiva; Metáfora Conceitual; Metonímia Conceitual; Dicionários Escolares.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras-bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de iniciação científica BIC-UFRGS.

<sup>2</sup> Professora adjunta no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**ABSTRACT:** This study is in the field of Cognitive Lexicography since it proposes a lexical analysis based on Cognitive Semantics that aims to suggest improvements to Brazilian school dictionaries. First, we carried out a qualitative analysis of the entry “casa” at Dicionários de Usos do Português do Brasil and its meanings were converted to conceptual maps. Those conceptual maps could elucidate the multiple clusters of meanings conveyed by the word “casa” and they were positioned into a radial structure and named as “construction”, “habitation”, “place”, “space” and “family”. This schematization helped us to observe the various polysemic meanings of “casa”, especially figurative meanings, which are largely motivated by metaphor and metonymy. Secondly, we observed the occurrences of “casa” in a corpus composed of texts written for children. The corpus analysis showed the most prevalent meanings of “casa” in children's books, pointing to the fact that, even though concrete meaning appears more frequently, the figurative language has an important role in these texts, and it is very important for children to identify and recognize figurative meanings during reading activities. Finally, we analyzed “casa” entries in three Brazilian school dictionaries and converted them into conceptual maps. This last part of the research revealed that school dictionaries do not always register all the meanings of “casa” presented in the books. This reveals a fragility in the dictionaries and suggests that Brazilian lexicography should explore more corpus research during dictionary compilation.

**KEYWORDS:** Cognitive Lexicography; Conceptual Metaphor; Conceptual Metonymy; School Dictionaries.

## Introdução

O presente estudo integra o projeto de pesquisa intitulado “Bases teórico-metodológicas para a compilação de um dicionário para crianças fundamentado na Semântica Cognitiva”, que foi concebido no âmbito da Lexicografia Cognitiva com o intuito de propor melhorias aos dicionários escolares voltados para crianças do Ensino Fundamental. O projeto, desde o início, tem se ocupado em explorar pesquisas semântico-cognitivas clássicas e recentes, de modo a encontrar possíveis aplicações teóricas na discussão sobre problemas e desafios da Lexicografia Pedagógica. Conforme será discutido na próxima seção, ainda que a Linguística e a Lexicografia compartilhem muitos interesses, os pontos de contato dessas duas disciplinas nem sempre são explorados e aprofundados com o rigor que merecem, uma lacuna que o presente trabalho pretende explorar e, dentro de um estudo pontual, abrandar, conforme descrito abaixo.

No que diz respeito às contribuições específicas do presente estudo, evidencia-se a análise do item lexical “casa” por meio de uma metodologia *ad hoc*. O método consiste em identificar significados sobressalentes<sup>3</sup> da palavra “casa” no português brasileiro

---

<sup>3</sup> Classificamos como “significado sobressalente” aqueles significados que assumem um papel de destaque no uso da palavra “casa”. Isso aponta que, diante do alto número de significados desse item lexical registrado nos dicionários de língua portuguesa, alguns deles são mobilizados mais frequentemente do que outros. Por exemplo, o significado sobressalente “moradia” está presente nas acepções “qualquer lugar destinada a ser

contemporâneo por intermédio da análise de dicionários e, assim, entender e esquematizar a organização conceitual dos significados da palavra por meio de mapas conceituais. Como o trabalho procura colaborar com a Lexicografia Pedagógica, a segunda etapa metodológica consiste em observar as ocorrências de “casa” em um corpus compilado a partir de textos voltados para crianças do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental (público-alvo deste trabalho), para, com isso tentar estabelecer uma relação entre as obras destinadas às atividades de leitura e os dicionários que serão consultados pelos estudantes durante essas atividades. Espera-se, assim, que o corpus seja capaz de refletir os significados sobressalentes de “casa” que integram os textos voltados para o público infantil. Apesar dos significados mais concretos da palavra serem de grande interesse para estudos lexicográficos, o interesse maior do presente estudo recai sobre os significados figurados, uma vez que eles poderão revelar informações importantes sobre o uso e a compreensão da figuratividade por crianças em etapas iniciais da vida escolar. Reconhecidos os significados recorrentes no corpus, pretende-se, então, analisar obras lexicográficas escolares aprovadas pelo Ministério da Educação com o intuito de verificar se essas obras incluem, no verbete de “casa”, todos os significados sobressalentes reportados pelo corpus.

O trabalho está dividido em três seções. Na primeira seção, são apresentados os principais referenciais teóricos da pesquisa, a saber, Linguística e Lexicografia. Por meio da discussão sobre a evolução dessas duas disciplinas e sobre as possibilidades de intersecção entre ambas, será demonstrado como a Semântica Cognitiva pode ser uma teoria útil para a reflexão sobre dicionários, adentrando assim no campo de estudos da Lexicografia Cognitiva. A segunda seção diz respeito aos materiais e aos métodos do trabalho, na qual se procurará justificar a escolha pelo item lexical “casa”, explicar a relevância dos dicionários analisados e também a importância do corpus com base nos objetivos da pesquisa. Além disso, metodologia de análise e os principais resultados serão expostos e discutidos nessa seção. Por fim, a terceira seção diz respeito às discussões dos resultados, na qual serão arroladas as principais descobertas feitas ao longo da análise e seus desdobramentos para os estudos linguísticos e lexicográficos, com especial atenção aos dicionários escolares.

---

habitada, moradia [...]” (DUPB, 2002) e “lugar onde se mora com a família, lar” (DUPB, 2002). Os critérios para a classificação de significados sobressalentes estão descritos na seção 2.3.

## 1. Linguística e Lexicografia

Apesar de serem disciplinas distintas, a Linguística e a Lexicografia possuem forte relação entre si. Para Atkins e Rundell (2008, p.130), ainda que muitas pessoas que trabalham na área da Lexicografia não possuam qualquer treino formal em Linguística e que bons lexicógrafos se orientem, em grande parte, por seus instintos, julgamentos e experiências, alguns conceitos linguísticos são inestimáveis na análise e na produção lexicográfica, e, além, disso, o conhecimento da teoria linguística pode auxiliar o lexicógrafo a desenvolver o seu trabalho de maneira mais eficiente e com mais confiança. Diante dessa relação intrínseca, os autores defendem que a natureza do trabalho lexicográfico faz com que os lexicógrafos sejam também linguistas aplicados, afirmação que retomaremos mais adiante.

Para além da discussão que questiona se lexicógrafos seriam ou não seriam linguistas aplicados, é inegável o fato de que dicionários conformam instrumentos linguísticos, uma vez que “o dicionário é uma confluência de várias dimensões da linguagem e de seus vários níveis de organização dispostos de acordo com determinadas convenções” (Bagueño Miranda, 2013, p. 17). Hartmann e James (2001, s.v. *Lexicography*) relacionam a linguística à lexicografia teórica, ainda que considerem difícil estabelecer uma distinção rígida entre lexicografia teórica e lexicografia prática. Nesse sentido, é correto afirmar que os estudos linguísticos amparam os estudos lexicográficos e podem exercer importante papel na compilação de uma obra.

Pensando em uma relação de mutualidade entre as disciplinas (e não apenas na relação unidirecional, na qual apenas a Lexicografia se beneficia da Linguística), é interessante mencionar a discussão de Geeraerts (2010), que aponta para uma relação intrínseca entre a Linguística e a Lexicografia desde no primeiro estágio da história da semântica lexical. Esse estágio, de forte orientação diacrônica, comportou estudos desenvolvidos entre 1830 e 1930 que tinham como foco a identificação, classificação e explanação das mudanças semânticas. Tais investigações foram agrupadas em um nicho de estudos ao qual Geeraerts (2010) deu o nome de semântica histórico-filológica.

Segundo Geeraerts (2010, p.2), a compilação de dicionários, ao lado da etimologia especulativa e do ensino da retórica, contribuiu significativamente para o nascimento da semântica lexical. Ainda de acordo com o autor, foi na Lexicografia que a semântica lexical

encontrou material para seus estudos, pois, além de fornecerem aos semanticistas do séc. XIX exemplos ricos de palavras polissêmicas, os dicionários também estreitaram laços com a semântica teórica por partilharem interesses na evolução semântica das palavras, o que culminou na publicação de grandes e importantes dicionários históricos na época (Geeraerts, 2010, p.8-9).

Hartmann (2005), ao discutir sobre a relação entre a linguística e a lexicografia, recorre a quatro modelos que, segundo o autor, ajudam a entender melhor a discussão proposta. Ainda que sejam posicionamentos “limitados e seletivos”, nas próprias palavras do autor, uma vez que estão condicionados à afiliação teórica de seus proponentes, Hartmann (2005) sumariza importantes observações oriundas dessas contribuições. Em primeiro lugar, o autor resgata uma discussão dupla, que diz respeito ao que constitui uma disciplina e quais seriam os critérios para seu *status* acadêmico. Ao comparar a Lexicografia à Linguística, Hartmann (2005, p.72-73) reverbera postulados de Wiegand (1998 apud Hartmann, 2005), segundo o qual a Lexicografia ainda tem um caminho a percorrer até poder reivindicar o mérito de disciplina acadêmica plenamente desenvolvida, que tenha como base um assunto coerente, perspectivas consistentes, métodos replicáveis, corpo de conhecimento específico e modos de discurso convincentes. Sobre esse aspecto, é importante salientar que, passadas quase duas décadas da publicação de Hartmann (2005), a Lexicografia dos anos atuais possui pilares muito mais fortalecidos em relação a sua natureza de disciplina e ao seu *status* acadêmico, o que nos permite defender que o caminho citado pelo autor já não é mais tão longo assim, e talvez até já tenha sido plenamente percorrido. Nos tempos atuais, a Lexicografia possui propósitos coerentes e bem delineados (estudo, avaliação e compilação de dicionários), perspectivas deveras consistentes (a exemplo das diversas propostas taxonômicas para a classificação de obras lexicográficas, como Landau, 2001, Biderman, 1998, Swanepoel, 2003, Welker, 2004, Atkins e Rundell, 2008 e Bugueño Miranda, 2014), métodos sistematicamente replicados (como todo o corpo de estudos e de métodos desenvolvidos pela Lexicografia baseada em corpus, a exemplo das obras lexicográficas das editoras Collins e Oxford), corpo de conhecimento específico (como o desenvolvimento de estudos metalexográficos voltados à teorização em torno dos dicionários, a exemplo de Brangel, 2015) e modos de discurso convincentes (a evolução e o reconhecimento de revistas

especializadas na área, como o International Journal of Lexicography<sup>4</sup>, e de importantes eventos científicos, como os encontros promovidos pela Euralex<sup>5</sup>).

O segundo modelo discutido por Hartmann (2005) busca explicar as possíveis relações entre Linguística e Lexicografia, desde um ponto de vista de total dependência (lexicografia considerada parte da linguística, sem que a linguística seja necessariamente parte da lexicografia), passando por uma independência relativa, ou seja, uma relação mútua entre as disciplinas, até chegar em uma independência relativa de ambas as disciplinas. As três perspectivas espelham concepções distintas de importantes teóricos da área, quais sejam, a da Lexicografia como um ramo da Linguística Aplicada, tal qual a visão defendida por Atkins e Rundell (2008), apresentada no início da presente seção, a da Lexicografia como parte interdependente da Linguística, na qual as duas disciplinas estão interligadas, visão defendida no presente estudo, e, por fim, a da Lexicografia como disciplina independente da Linguística, visão defendida, por exemplo, por Landau (2001), cuja obra clássica informa, já no título, o modo como o autor concebe os dicionários: a arte [*art*] e o ofício [*craft*] da Lexicografia.

O terceiro aspecto discutido por Hartmann (2005) remete ao fato de tanto a Linguística quanto a Lexicografia possuírem uma contraparte prática e uma contraparte teórica. Sobre esse aspecto, o autor argumenta que ambas as disciplinas possuem muito em comum em termos de atividades práticas e perspectivas teóricas, com a diferença de que, historicamente, a Linguística possui uma imagem mais acadêmica enquanto a Lexicografia parece ser reduzida a atividades de cunho prático. Uma diferença que, na nossa opinião, legitima ainda mais o desenvolvimento de propostas teórico-metodológicas no âmbito dos estudos lexicográficos, tal qual a proposta do presente estudo.

O quarto e último modelo discutido por Hartmann (2005) diz respeito à interação sistemática das duas disciplinas. Depois de discorrer sobre os tópicos acima apresentados, o autor questiona se existiriam modelos adequados para a interação entre Linguística e Lexicografia, uma dúvida que, no nosso entendimento, também aponta para a importância de estudos como o que apresentaremos neste artigo.

Levando a cabo a discussão sobre Linguística e Lexicografia, salientamos que o presente estudo concebe essa relação como uma simbiose capaz de beneficiar ambas as

---

<sup>4</sup> <https://academic.oup.com/ijl> (acesso em outubro de 2024).

<sup>5</sup> <https://euralex.org/> (acesso em outubro de 2024).

partes. Assim, no presente artigo, a relação profícua acontece por meio da intersecção entre estudos sobre os significados do item lexical “casa” em acepções dicionarísticas e o referencial teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente a contraparte semântica da teoria voltada a averiguar o papel da metáfora e da metonímia na formação do significado lexical. Nas seções vindouras, serão analisados e discutidos os significados de “casa”, desde o uso mais básico e concreto da palavra até suas extensões mais abstratas, refletidas em usos figurados do item lexical. Antes de adentrar nessas discussões, no entanto, é necessário apresentar o alicerce teórico que sustentará as análises, a saber, Semântica Cognitiva, com especial atenção a sua aplicação nos estudos lexicográficos.

### **1.1. Semântica Cognitiva e Lexicografia Cognitiva**

O modelo semântico que orienta teoricamente o presente trabalho surgiu no início dos anos 80, no âmbito da Psicologia Cognitiva, e tem como principais precursores o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson (cf. Lakoff; Johnson 1980, 1999). Marcada por uma forte oposição à formalização da linguagem, a Semântica Cognitiva consolidou-se a partir de uma visão atuacionista de cognição, também conhecida como cognição corporificada. Nessa perspectiva, a cognição é entendida em termos da atuação do ser sobre o ambiente, diante das possibilidades e das limitações de sua própria estrutura e da estrutura do mundo ao seu redor (Pelosi, 2014, p.17)<sup>6</sup>.

Passadas mais de quatro décadas desde a publicação da obra de Lakoff e Johnson (1980), publicação que consagrou o início da Semântica Cognitiva, a teoria dispõe de uma profícua bibliografia voltada à apresentação e explanação de seus preceitos. Na esteira de importantes publicações, citamos, sem pretensão de exaustividade<sup>7</sup>, as contribuições de

---

<sup>6</sup> Essa concepção de cognição é fundamental para que se possa distinguir a Semântica Cognitiva de outras teorias da linguagem de orientação cognitiva, como as ideias gerativistas instauradas por Chomsky, por exemplo. Apesar de possuírem orientação cognitiva, os postulados chomskianos possuem forte influência de uma outra concepção de cognição, a visão simbólica, também conhecida como hipótese cognitivista. Assim, enquanto a visão simbólica de cognição, ancorada no dualismo cartesiano, concebe a cognição humana como o resultado de computações simbólicas determinadas por regras, a visão atuacionista concebe a cognição a partir de uma visão integradora entre cérebro, mente e corpo e o mundo, o que explica, ainda que parcialmente, a oposição entre as duas teorias mencionadas (Pelosi, 2014, p.18).

<sup>7</sup> Ressaltamos que essa listagem não tem o propósito de ser um inventário exaustivo das bibliografias cânones da área, caso contrário, não estaríamos fazendo jus a importantes publicações que, conscientemente, em razão das limitadas dimensões que um artigo científico deve obedecer, não serão contempladas em nossas referências bibliográficas.

Gärdenfors (1999), Croft e Cruse (2004), Geeraerts (2006, 2010), Evans e Green (2006), Ungerer e Schmid (2006) e Riemer (2010).

As referências citadas *ad supra* arrolam importantes preceitos que norteiam os estudos em Semântica Cognitiva, sendo que em determinados momentos esses preceitos se sobrepõem e/ou se complementam. Assim, ainda que os princípios listados pelas bibliografias acima não conformem um bloco de informações completamente homogêneo, eles compartilham uma série de noções fundamentais que podem ser sintetizadas para fins de explanação da teoria da seguinte maneira:

- I - A estrutura semântica está equiparada à estrutura conceitual;
- II - A corporeidade e o experiencialismo são fundamentais na construção do significado;
- III - A língua não deve ser estudada sob uma ótica modular;
- IV - O significado linguístico é perspectivo;
- V - Os conceitos apresentam natureza prototípica, o que torna o significado linguístico dinâmico, flexível e enciclopédico.

Os princípios acima estão em consonância com dois compromissos firmados por Lakoff (1990), aos quais o autor deu o nome de Compromisso Cognitivo e Compromisso de Generalização, que definem e estabelecem a agenda de estudos da Semântica Cognitiva. Sobre esse aspecto, é possível generalizar e entender os principais pontos da teoria e, seguindo os propósitos da presente pesquisa, pensar em suas aplicações nos estudos lexicográficos.

A aproximação dos estudos da Linguística Cognitiva com a Lexicografia tem viabilizado uma nova abordagem à Lexicografia, a qual Ostermann (2015) denominou Lexicografia Cognitiva [*Cognitive Lexicography*]. Segundo a autora, nessa nova proposta, a descrição da linguagem acontece com base nas teorias da Linguística Cognitiva, de modo a facilitar o entendimento das entradas ou das definições dos dicionários (Ostermann, 2015, p.67). Trata-se de uma abordagem que busca prover novas discussões e novas heurísticas a problemas recorrentes e historicamente observados nas obras lexicográficas. A face inovadora da proposta repousa no fato de ser baseada em uma teoria não formalista e de base cognitiva, tangenciando, de certa forma, a tradição lexicográfica, que possui forte influência estruturalista (cf. Geeraerts, 2010).



Passados dez anos da publicação que cunhou o termo Lexicografia Cognitiva, é possível observar o desenvolvimento de estudos que buscam dar corpo às ideias plantadas por Ostermann (2015). Por ora e sem pretensão de exaustividade, citamos Lu et al. (2020), que testam a efetividade de verbetes elaborados com base na Linguística Cognitiva em um experimento que compara a consulta a esses verbetes à consulta a verbetes organizados linearmente; Abdelzaher (2021), que explora e aprofunda possibilidades de intersecção entre a Linguística Cognitiva e a lexicografia digital; e Wojciechowska (2023), que examina e avalia, sob a perspectiva da Semântica Cognitiva, a representação de expressões de múltiplas palavras (*multiword expressions* ou MWEs) em dicionários para aprendizes de inglês. No cenário brasileiro, cumpre mencionar trabalhos como o de Salomão et al. (2013) sobre a FrameNet Brasil; Chishman et al. (2018) sobre o Dicionário Olímpico<sup>8</sup>; e Oliveira et al. (2021) sobre o Dicionário Enciclopédico do Novo coronavírus<sup>9</sup>.

Ostermann (2015, p.48-49) elenca três importantes motivos para se aplicar a Linguística Cognitiva na Lexicografia. Primeiramente, a autora enxerga na Linguística Cognitiva uma concepção mais realista de semântica. De fato, o alicerce cognitivo da teoria, embasado na visão atuacionista de cognição, permite um entendimento mais amplo do significado linguístico. De acordo com Geeraerts (2010, p.240), trata-se de uma abordagem contextualizada, na qual a semântica é abordada segundo diferentes contextos: da psicologia, da língua em uso e sob um prisma histórico e cultural. Essa noção mais ampla de significado possui consequências diretas para a Lexicografia, tais como técnicas definitórias que levam em conta a percepção de mundo e de língua do consulente do dicionário. Assim, definir um item lexical como *futebol* para um falante brasileiro, por exemplo, perpassa a listagem dos traços semânticos essenciais da palavra e permite que se insiram, na definição lexicográfica, informações enciclopédicas relacionadas à cultura local, como o fato de o Brasil ser pentacampeão nessa modalidade esportiva, Pelé ser considerado o rei do futebol ou o Brasil ser o país do futebol (informações que não fariam sentido em uma definição voltada para argentinos, por exemplo).

Em segundo lugar, Ostermann (2015, p.48-49) menciona uma possível solução ao problema da linearidade. Esse problema advém do fato de o dicionário obedecer, por tradição, a uma organização linear do seu conteúdo, fazendo com que os lexicógrafos

---

<sup>8</sup> <https://www.dicionarioolimpico.com.br/> (acesso em janeiro de 2025).

<sup>9</sup> <https://www.lexicovid19.com.br/> (acesso em janeiro de 2025).

projetem a estrutura semântica, que é multidimensional por natureza, nessa ordenação linear. Um bom exemplo dessa ordenação repousa na própria organização microestrutural do dicionário semasiológico, cujos verbetes elencam diversos significados de uma mesma palavra, organizados um a um, em forma de definições convencionalmente apresentadas como acepções. Em uma representação mais fidedigna da estrutura semântica, os significados, representados pelas acepções, estariam arranjados em uma disposição multidimensional, se sobrepondo uns aos outros. Em terceiro lugar, e estritamente relacionado ao problema da linearidade, a autora menciona uma adaptação da estrutura do dicionário ao léxico mental, que se caracteriza por ser uma rede de nódulos fluida, em constante mutação e repleta de ligações multidimensionais.

A noção de sobressalência de significados será um ponto essencial para as análises conduzidas no presente estudo, motivo que nos leva a outorgar à Lexicografia Cognitiva o importante papel de aproximar Linguística e Lexicografia no presente trabalho. A concepção semântico-cognitiva será explorada, principalmente, na análise dos significados da palavra “casa”, cuja grande parte dos significados figurados possuem motivação metafórica e metonímica. Por esse motivo, é importante salientar que a metáfora e a metonímia são fenômenos de grande interesse aos estudos da Semântica Cognitiva, que os concebe como fenômenos cognitivos essenciais para a cognição e para a linguagem.

## **1.2 Metáfora e metonímia na cognição e no léxico**

A concepção de metáfora e de metonímia no âmbito da Semântica Cognitiva parte do princípio de que esses fenômenos da linguagem (e também do pensamento) consistem em mecanismos conceituais pelos quais os seres humanos não apenas falam, mas também pensam e raciocinam (Lakoff e Johnson, 1980). Ou seja, metáfora e metonímia transpassam o aspecto linguístico e adentram no campo cognitivo e social. Ainda que a metáfora e a metonímia correspondam a processos cognitivos distintos, elas não se excluem mutuamente, podendo, inclusive, interagir por meio de um fenômeno designado por Goossens (1990) como metaftonímia [metaphtonymy].

Na Semântica Cognitiva, os estudos sobre metáfora se encontram respaldados pela Teoria da Metáfora Conceitual, uma teoria que postula que a metáfora consiste em um

mapeamento entre dois domínios conceituais, a saber, um domínio-fonte, mais concreto e acessível aos sentidos, e um domínio-alvo, mais abstrato e menos acessível aos sentidos (Lakoff 1993, p. 206-207). A metáfora conceitual consiste em uma associação na qual o domínio-alvo (domínio a ser descrito) é convencionalmente estruturado em termos do domínio-fonte (domínio em termos dos quais o domínio-alvo é descrito). Essa associação convencional entre os dois domínios é o que faz deste processo uma metáfora, e o fato de operar no nível dos domínios conceituais é o que o torna conceitual por natureza (em vez de puramente linguístico) (Evans e Green, 2006, p. 295).

Um exemplo recorrente da literatura sobre metáforas conceituais diz respeito à associação realizada pelos seres humanos entre “ruim” e “para baixo”. De fato, desde os nossos primeiros anos de vida, experienciamos a lei da gravidade e suas implicações no modo como interagimos com o mundo: caímos para baixo e concebemos esse tipo de experiência como uma experiência ruim, por exemplo. A recorrência inevitável desse tipo de experiência nos leva a formar um mapeamento em nosso sistema conceitual que relaciona o significado de “para baixo” ao significado de “ruim”. Nos valem, assim, de uma base física, mais acessível aos sentidos e altamente experienciada (para baixo) para entendermos, raciocinarmos e falarmos sobre algo mais abstrato e menos acessível aos sentidos (ruim). A partir desse mapeamento, a metáfora conceitual RUIM É PARA BAIXO<sup>10</sup> enraiza-se em nossos pensamentos, falas e ações, gerando expressões do tipo “estou me sentindo para baixo” e gestos como o de apontar o polegar para baixo em sinalização a um resultado ruim.

No que tange à metonímia, Lakoff e Johnson (2002, p. 93) postulam que “a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo”. Barcelona Sánchez (2009, p.21) complementa que, por servir de base para a geração de diversas metáforas, a metonímia constitui um fenômeno mais básico que a metáfora, além de ser tão onipresente quanto ela. Na ótica da Semântica Cognitiva, portanto, os significados metonímicos obedecem a uma sistematicidade tal qual os significados metafóricos, dando cabida a metonímias conceituais, a exemplo de PARTE PELO TODO,

---

<sup>10</sup> A literatura sobre Linguística Cognitiva convencionou grafar metáforas conceituais em letras maiúsculas e as atualizações linguísticas em letras minúsculas, entre aspas.

LUGAR PELO EVENTO e AUTOR PELA OBRA<sup>11</sup>. Também, por tornarem possível que se conceitualize uma coisa por sua relação com outra, as metonímias desempenham um papel crucial na organização dos pensamentos e das ações dos seres humanos (Lakoff; Johnson, 1980). No que diz respeito à sua realização no sistema conceitual, Barcelona Sánchez (2009, p.8) diz que “a metonímia é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo)”.

Apesar do grande contingente de estudos sobre metáfora e metonímia que endossaram pesquisas sobre Semântica Cognitiva nas últimas décadas, os dois fenômenos permanecem explorados de maneira muito tímida pelos estudos lexicográficos (Moon, 2002, 2004). Passadas mais de quatro décadas da publicação de Lakoff e Johnson (1980), poucos pesquisadores estenderam as discussões ao âmbito dos dicionários, ainda que metáfora e metonímia exerçam importância singular sobre o léxico e sobre todo o sistema conceitual de uma língua, objetos de grande interesse à Lexicografia.

## **2. O item lexical “casa”: análise e discussão dos dados**

A presente seção descreve e discute os dados da pesquisa ao longo de três etapas metodológicas: análise de obras lexicográficas, desenvolvimento de mapas mentais e análise de corpus. Além da apresentação da metodologia e da discussão dos dados, procuraremos também explicar o porquê de algumas escolhas por materiais e métodos utilizados na pesquisa, tais como procedimentos de coleta de dados e procedimentos de análise, tanto das obras lexicográficas como do corpus de pesquisa.

### **2.1 A escolha pelo item lexical “casa”**

A escolha pelo item lexical “casa” justifica-se, primeiramente, pela alta produtividade desse substantivo na língua portuguesa, fato que pode ser verificado, por exemplo, na densa microestrutura do verbete da palavra “casa” em grandes dicionários

---

<sup>11</sup> A mesma convenção das metáforas conceituais é aplicada às metonímias conceituais.

brasileiros: o DUPB (2002) e o AuLP (2004) apresentam, cada um, 19 acepções para a palavra, o MiLP (2015) apresenta 21 acepções e o HouLP (2001) apresenta 27 acepções. O segundo motivo, mais relacionado aos estudos cognitivos, diz respeito à presença saliente do item no vocabulário infantil. Essa saliência é endossada, em grande parte, por estudos da Psicologia que estabelecem uma importante relação com a Linguística Cognitiva. Essa relação será explicitada nos próximos parágrafos.

Experimentos conduzidos por Rosch (1975, 1976), uma das principais pesquisadoras no campo da Psicologia Cognitiva, contribuíram para o avanço das discussões acerca da categorização como um fenômeno cognitivo. Em seus estudos, Rosch (1975, 1976) encontra evidências de que os humanos são capazes de, a todo momento, categorizar, por exemplo, objetos. Um exemplo hipotético dado pela autora é considerar “cadeira” um item básico da categoria superordenada - e, portanto, mais abstrata - nomeada “móvel”. Abaixo da categoria de item básico temos a categoria subordinada, representada, por exemplo, por “cadeiras”, “sofás”, “mesas” e “camas”. As pesquisas de Rosch sugerem também que as categorias verticais estão organizadas em níveis e que possuem o nível básico de especificidade.

O item de nível básico tem as seguintes características: I) é o nível de abstração mais inclusivo da taxonomia, cujos objetos pertencentes à categoria possuem características em comum; II) o item básico contempla as experiências motoras do indivíduo ao interagir com os outros membros da categoria; III) as formas gerais entre os itens da categoria são semelhantes ao item básico; e VI) os falantes costumam identificá-lo mais prontamente do que um item periférico (Rosch et. al, 1976).

Levando em conta os quatro critérios apresentados acima, consideramos “casa” o item de nível básico na categoria “imóvel”, em que: I) A casa possui um número de atributos em comum, como paredes, teto, janelas, portas e cômodos, os quais estão presentes também em outros tipo de construções, como apartamentos e sobradinhos; II) Todo indivíduo que mora em alguma habitação, seja casa, apartamento, mansão, kitnet, sobradinho etc., em geral, experiencia o manuseio de uma chave para destrancar a fechadura, o movimento do próprio corpo ao atravessar a porta de entrada e a existência de no mínimo 4 paredes em volta de si; III) pode-se dizer que é possível gerar facilmente uma imagem mental de “casa”, mas não de “imóvel”; IV) no dia a dia, interagimos com construções de casas por meio do alto número de casas em bairros residenciais, por

exemplo, que se contrapõe à interação menos frequente com construções como mansões e castelos. Pela alta presença de casas no estilo de vida e arquitetura urbana brasileira, portanto, é mais simples que os falantes organizem informações acerca do item lexical “casa”.

Ainda nas evidências de Rosch et. al. (1976), experimentos mostraram que crianças de 3 anos tendem a categorizar corretamente itens de nível básico, resultando em 99% de acerto, enquanto categorias superordenadas resultaram em um desempenho de 55%. Logo, o desenvolvimento de categorização de item básico de uma criança de 3 anos se assemelha a de um adulto, enquanto a de nível superordenado se desenvolve em idade mais avançada (Rosch et. al., 1976, p. 421). Com base nos critérios expostos acima, este trabalho considera “casa” um item de nível básico e, como assinalado, itens de nível básico tendem a ser mais familiares às crianças - público-alvo dos dicionários analisados para fins deste estudo.

## **2.2 A escolha pelos materiais de análise**

A primeira etapa metodológica corresponde à análise do item lexical “casa” em dicionários do português brasileiro. Nessa etapa, estudamos os significados (acepções) do item lexical “casa” nos verbetes dos seguintes dicionários do português brasileiro: Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002), Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (MiLP, 2015), Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (AuLP, 2004) e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HouLP, 2001). Além disso, também foram analisados três dicionários escolares aprovados pelo PNLD/Dicionários (2012)<sup>12</sup>, classificados como tipo 2, ou seja, dicionários voltados para crianças em fase de consolidação da escrita, a saber, Dicionário Júnior da Língua Portuguesa (DiJr, 2005), Dicionário Aurélio Ilustrado (AuIL, 2008) e Saraiva Júnior: Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado (SaJr, 2009). Dentre as obras não pedagógicas, optamos por

---

<sup>12</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático é uma iniciativa brasileira que desde 1996 avalia, indica e distribui materiais de apoio à prática educativa para escolas da rede pública em todo o país. As edições do PNLD/Dicionários, que ocorreram entre os anos 2001 e 2012 avaliaram, indicaram e distribuíram dicionários escolares monolíngues de língua portuguesa nas escolas. A partir de 2006, o programa passou a lançar editais e, junto a eles, a classificação explícita do público-alvo dos dicionários. Mais informações em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/pnld> (acesso em outubro de 2024).

restringir a análise ao DUPB (2002) pelas razões que serão apresentadas nos próximos parágrafos.

Segundo a taxonomía lexicográfica apresentada por Bugueño Miranda (2014), os dicionários AuLP (2004), HouLP (2001), MiLP (2015) e DUPB (2002) caracterizam-se como dicionários monolíngues, para falantes nativos, de discurso livre, com ênfase no significado, semasiológicos. Segundo a mesma classificação, AuLP (2004), MiLP (2015) e HouLP (2001) são obras diassistemicamente inclusivas, do tipo alfa-exaustivas, logo, *dicionários gerais* - ainda que HouLP (2001) se aproxime um pouco das obras do tipo diassistemicamente inclusivas, exaustivas, um genótipo inexistente na lexicografia brasileira (Bugueño Miranda, 2018, p.96-97). O DUPB (2002), por sua vez, é uma obra diassistemicamente restritiva, dianormativa, de norma real, logo, um dicionário de usos.

Por ser um dicionário de usos, o DUPB (2002) foi compilado com base em uma proposta diferente, de valor inovatório para a lexicografia brasileira, qual seja, de registrar a norma real da língua (em uso)<sup>13</sup>. Welker (2004) destaca essas obras, junto a UNESP (2004), como os cinco grandes dicionários brasileiros contemporâneos. Segundo ele, dentre as cinco obras, DUPB (2002) e HouLP (2001) “são certamente os melhores dicionários brasileiros” (Welker, 2004, p. 79). Considerando que os três primeiros dicionários não são obras baseadas em pesquisas com corpus e que UNESP (2004) tem como público-alvo estudantes do Ensino Médio e nível superior, optamos por restringir a análise do verbete “casa” ao DUPB (2002). Além de possuir as particularidades de um dicionário de usos que busca espelhar a norma real do português contemporâneo, o DUPB (2002) possui a importante característica de ter sido elaborado com base em pesquisa com corpus<sup>14</sup>, característica que o coloca em posição de destaque dentre os dicionários previamente mencionados, haja vista os propósitos da presente pesquisa. Antes de adentrarmos na análise do verbete “casa” em DUPB (2002), explicaremos brevemente a importância do corpus para a pesquisa lexicográfica a fim de justificar a nossa escolha pelo DUPB (2002) e nossa escolha por inserir, no presente trabalho, uma etapa voltada para a

---

<sup>13</sup> Uma análise mais aprofundada desse dicionário nos âmbitos da macro, micro e medioestrutural e do *Back Matter* é apresentada por Fornari e Bugueño Miranda (2006).

<sup>14</sup> Ainda que sejam disciplinas distintas, a Linguística de Corpus estabelece importantes relações com a Linguística Cognitiva, haja vista o caráter empírico de ambas as perspectivas. Para uma discussão detalhada a esse respeito, ver Sardinha (2000).

análise do item lexical “casa” em um corpus compilado de acordo com os nossos propósitos.

Em Moon (2010), são apresentadas algumas possibilidades do uso de corpora em investigações da língua inglesa. Algumas vantagens de investigações com corpora, segundo a autora, repousam na possibilidade de se levantar indícios do léxico central de uma língua, uma vez que este é geralmente formado por palavras de alta frequência. A pesquisa com corpus pode indicar também os itens lexicais que passaram por processos de composição e derivação<sup>15</sup>, mas que já estão evidenciados na língua, além de, por outro lado, indicar itens lexicais de baixa frequência que podem refletir processos criativos de formação de palavras, resultando em notáveis achados no uso da língua<sup>16</sup>.

Além disso, o trabalho com corpora não oportuniza somente a possibilidade de analisar itens lexicais isolados, como também fornece o contexto, o qual pode estimar um padrão para determinado item lexical. Logo, é possível visualizar palavras que ocorrem frequentemente juntas por meio de listas de colocação e padrão sintagmático. Tais funções permitem a análise da construção do significado de determinado item lexical de acordo com o contexto, e não apenas pelo significado restrito à palavra (Moon, 2010, p. 199-200).

Outro importante ponto apresentado por Moon (2010) em relação às possibilidades de investigação por meio da pesquisa com corpus diz respeito ao tratamento de aspectos polissêmicos e metafóricos do léxico, que possui uma estreita relação com o presente estudo. Em relação ao tratamento polissêmico, a lista de colocação permite distinguir diferentes assuntos e campos semânticos de uma palavra ao considerar sua colocação em contextos onde há padrão e estrutura fraseológica diferentes (Moon, 2010, p.203). Já em relação ao tratamento do sentido figurado, Moon (2010, p. 204-205) sinaliza a dificuldade em identificar casos de linguagem figurada mesmo em corpus, e sugere a busca por um item específico, para então analisar os seus desdobramentos. Além disso, a autora ressalta que classificar um significado conotativo pode depender da intuição, o que pudemos corroborar diversas vezes durante a análise de nosso corpus, conforme será apresentado mais à frente. Sobre esse aspecto, é importante mencionar que, no presente estudo, as possibilidades de análise e organização dos significados estão apoiadas em definições lexicográficas, cujo material fornece a formalização da língua, e

---

<sup>15</sup> Como *colourful*, *colourless*, *discolour* e *colourant* (Moon, 2010, p. 199).

<sup>16</sup> Como *hyper-accurate* e *hyper-addictive* (Moon, 2010, p. 199).



em corpus, cuja observação fornece a probabilidade linguística. Tais recursos foram fundamentais para a realização da análise de um item altamente polissêmico e metafórico como “casa”.

Retornando nossa atenção ao DUPB (2002), é importante mencionar as características de alguns de seus componentes canônicos que contribuíram para a escolha da obra. Assim, além do fato de ter sido elaborado com base em pesquisa com corpus, a organização microestrutural do DUPB (2002) se destaca em relação às outras obras lexicográficas por organizar as informações do verbete de maneira compatível aos propósitos da presente pesquisa. Ainda que os significados (acepções) apresentados pelos dicionários sejam similares, o DUPB (2002) possui a particularidade de fornecer subclassificações dentro da microestrutura de “casa”, às quais dá o nome de “concreto”, “abstrato” e “humano”. Essa organização um tanto quanto genuína do dicionário será apresentada abaixo, com base no que é exposto pelo front matter da obra.

O front matter<sup>17</sup> do DUPB (2002) “consegue chegar a uma comunhão perfeita entre abrangência (qualidade daquilo que é exposto no Front Matter e o seu teor de relevância e de informalidade) e concisão (quantidade das informações [...]).” (Fornari e Bugueño Miranda, 2006, p. 249). Na seção “nota do editor”, vemos a preocupação em estruturar verbetes que respeitem a organização da própria língua, um cuidado importante sob o ponto de vista linguístico-cognitivo, pois tal preocupação permite a observação do comportamento da língua em diferentes usos e contextos. Dada sua avaliação positiva, nos apoiaremos no front matter para sintetizar a proposta de organização do dicionário. Nesse sentido, haja vista o pertencimento do item lexical “casa” à classe gramatical dos substantivos, coletamos do front matter as informações relativas aos substantivos:

1. Estima-se que o dicionário foi baseado em um corpus composto por 77 milhões de ocorrências de palavras. Para a compilação do material, tomaram o cuidado de garantir o uso de textos escritos unicamente em português brasileiro, resultando na nomenclatura de mais de 62 mil entradas (DUP, p. 6, 2002);

---

<sup>17</sup> Seção introdutória da obra lexicográfica que, dentre outras informações, deve fornecer ao consulente as instruções sobre como utilizar o dicionário.

2. São subentradas: construções dependentes; sintagmas nominais; sintagmas preposicionais; sintagmas verbais fixos; conjunções completas e frases feitas (como provérbios) (DUP, 2002, p.6);
3. As entradas seguem criteriosamente uma orientação gramatical (DUP, 2002, p.7);
4. Os substantivos, quando é o caso, são subclassificados em concretos, ou seja, aqueles que têm um referente no mundo, como “casa”, e abstratos, sem referente independente no mundo, como crença, caracterizado por atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas (DUP, 2002, p.8).

### **2.3 Primeira etapa da análise: os significados de “casa” nos dicionários**

Na primeira etapa, a de análise do verbete “casa” no DUP (2002), cada acepção foi disposta nas células de uma página do Google Planilhas, seguindo a mesma ordem do dicionário. Para a digitalização dos textos do verbete, primeiro foram registradas fotos do verbete pela câmera do celular, posteriormente as fotos foram transferidas para o aplicativo Google Lens, no qual foram selecionadas as opções “selecionar texto” e “copiar texto”, para então serem coladas uma a uma nas células da planilha (coluna A). O padrão de formatação (como destaque e itálico) foi realizado manualmente, por meio das funções do menu do Google Planilhas. À direita, a coluna B, célula 1, nomeada “observações”, descrevemos o que chamava a atenção em relação aos comentários semânticos de cada acepção. Exploramos principalmente indícios de linguagem figurada, como a polissemia, metáfora e metonímia.

Considerando as observações, notamos que havia significados sobressalentes (os quais serão discutidos mais adiante neste trabalho) e, por essa razão, organizamos esses significados em mapas mentais<sup>18</sup>, adotando os critérios abaixo.

Para uma palavra nomear um nicho de significados, ou seja, ser classificada como um significado sobressalente, ela precisava estar incluída em pelo menos 4 acepções do verbete do DUP (2002). Essa inclusão podia aparecer de forma explícita ou implícita. A

---

<sup>18</sup> Após o estabelecimento dos significados sobressalentes, exatamente os mesmos processos seguintes foram realizados para a organização das acepções dos dicionários escolares em mapas mentais.

inclusão explícita refere-se às palavras dispostas na redação dos comentários semânticos, ou seja, nas definições ou nos exemplos. Quando uma acepção apresentava a palavra “construção” em sua respectiva definição ou em seus respectivos exemplos, essa estaria necessariamente classificada como acepção do nicho “construção”<sup>19</sup>. Por outro lado, a classificação implícita caracteriza-se pela necessidade de interpretação da acepção, averiguando se existe algum outro entendimento do significado que não esteja explicitamente redigido<sup>20</sup>.

Com os nichos definidos, todas as acepções foram organizadas em um mapa mental na ferramenta *Miro*<sup>21</sup>, para que fosse possível visualizar o arranjo dos significados. Para isso, foram utilizadas figuras geométricas disponibilizadas pela ferramenta, nas quais o círculo corresponde à entrada do verbete estudado, o losango ao significado sobressalente e o retângulo à acepção tal como consta no verbete; a linha curvilínea sem pontilhado liga a acepção ao significado sobressalente correspondente, com a mesma cor do losango do significado sobressalente; a linha curvilínea pontilhada liga a acepção aos significados salientes.

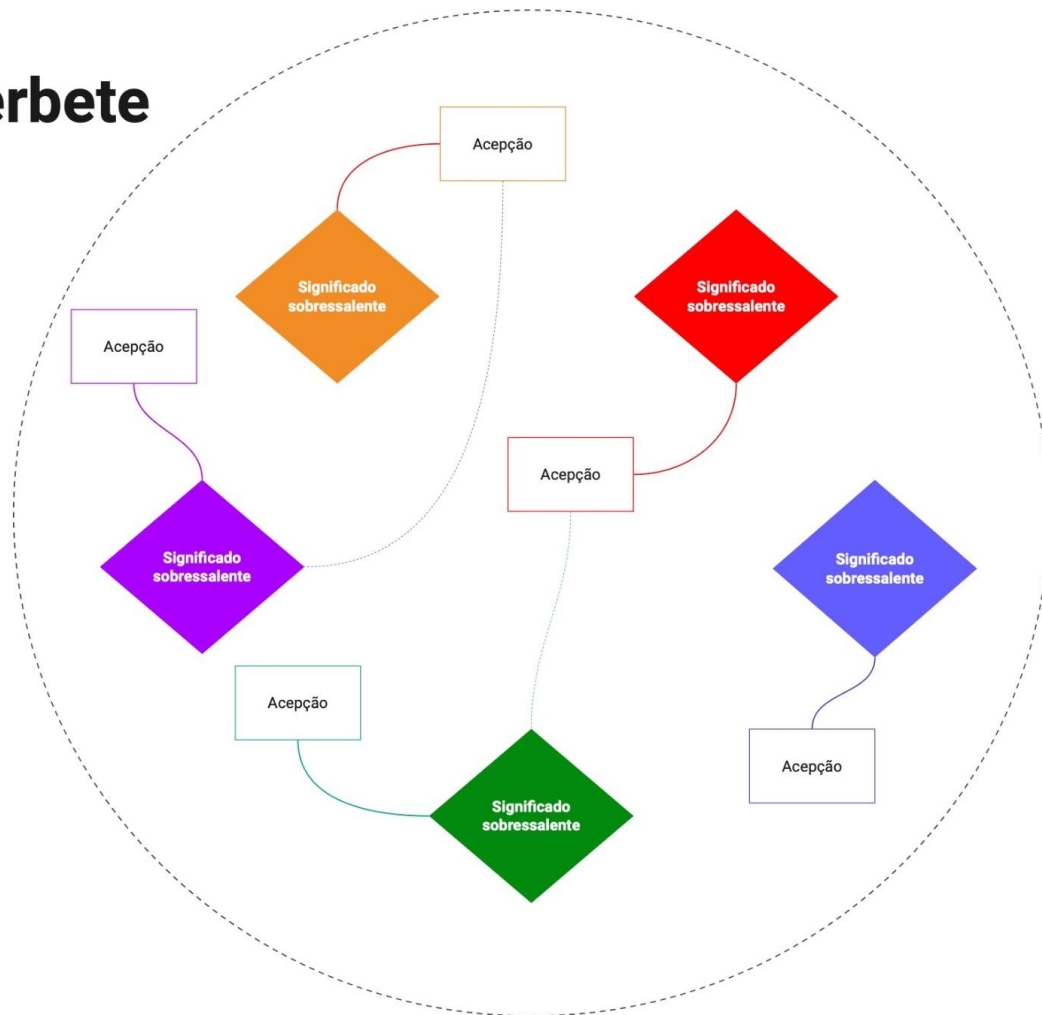
---

<sup>19</sup> A primeira acepção do DUPB (2002) é um exemplo de classificação explícita: “qualquer construção destinada a ser habitada; *moradia*; morada; residência; habitação: *pintura e conserto da casa por conta do inquilino (ANA)*; *a casa está caindo aos pedaços (CCA)*” (DUPB, 2002, s.v. *casa*).

<sup>20</sup> A sexta acepção do DUPB (2002) é um exemplo de classificação implícita: “*Cortiço: de longe enxerga uma casa de maribondo num galho (SA)*”, (DUPB, 2002, s.v. *casa*), visto que entendemos *cortiço* como uma forma de moradia ou habitação.

<sup>21</sup> <https://miro.com/> (acesso em outubro de 2024).

## Verbetes



**Figura 1:** Modelo de organização de significados sobressalentes  
Fonte: elaborado pelas autoras

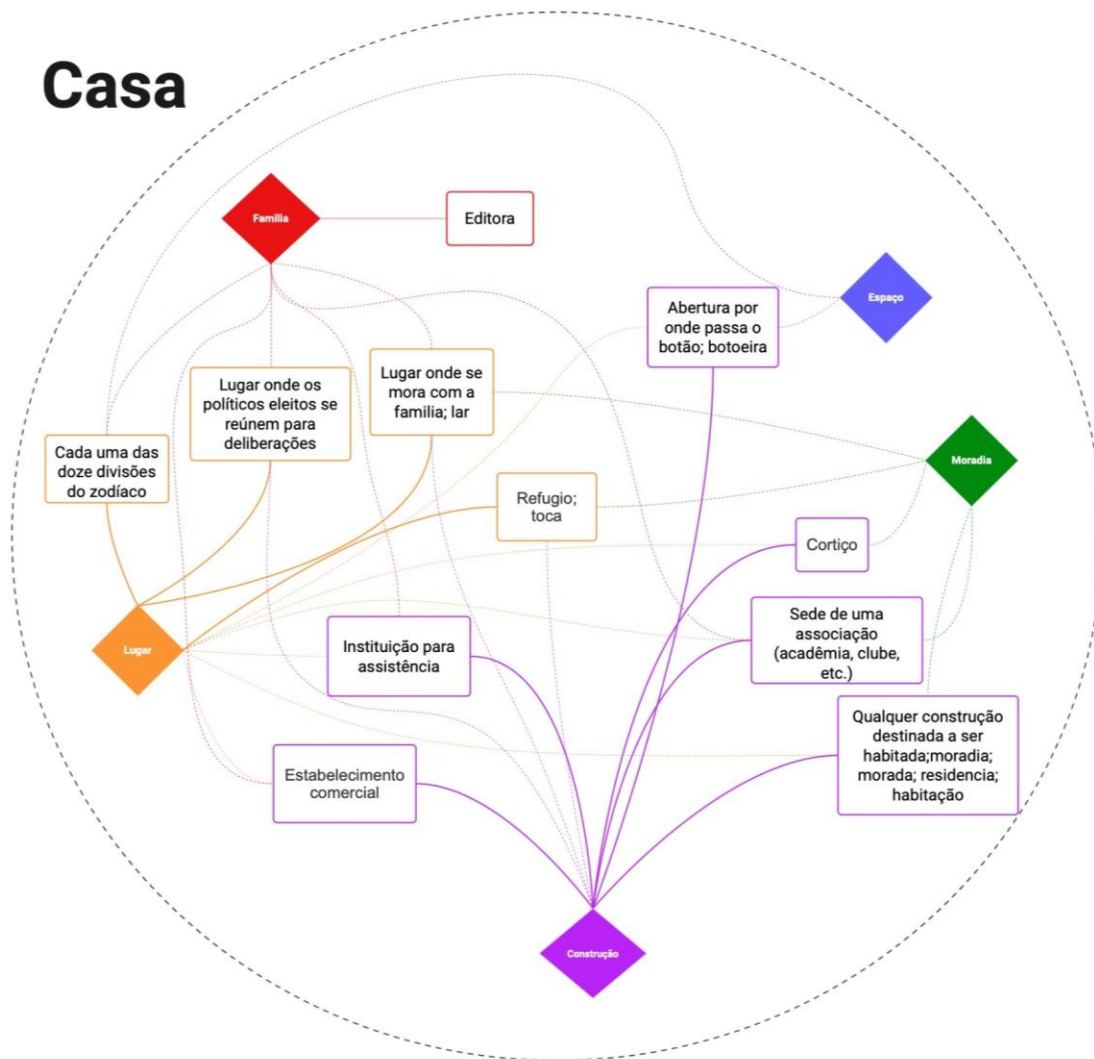
Uma vez elaborado o modelo de mapa mental, procedeu-se à análise do verbo “casa” no DUPB (2002), que será apresentada a partir de agora respeitando a divisão e a ordenação apresentada pelo próprio dicionário, a saber, significados concretos e significados abstratos. O mapa demonstra a prevalência dos significados “lugar” e “construção” nas acepções arroladas pelo dicionário. Além de serem os significados que mais ocorrem no verbo, eles também parecem alicerçar os outros significados (família, espaço e moradia).

Abaixo, apresentaremos os mapas conceituais elaborados a partir das reflexões conduzidas até o momento, relativas aos significados concreto, abstrato e humano,

segundo a subclassificação do item lexical “casa” no DUPB, os quais incluem os significados sobressalentes encontrados no dicionário, a saber, construção, moradia, família, lugar e espaço.

### 2.3.1 Significados subclassificados como concreto no DUPB

Como resultado da elaboração dos mapas conceituais, neste caso referente ao significado subclassificado como Concreto pelo DUPB (2002), as acepções do verbete “casa” foram organizadas conforme mostra a imagem abaixo.



**Figura 2:** Mapa conceitual dos significados concretos de casa segundo a subclassificação do DUPB (2002)

Fonte: elaborado pelas autoras

## **Construção**

“Casa” como “instituição para assistência”, como em “casa da criança”: as instituições, no emprego do dicionário, se referem aos estabelecimentos para assistência. Nesse sentido, a noção física (construção) sobressai quando comparada à noção abstrata, diferente dos dias atuais, nos quais as instituições podem ser puramente online e não depender de nenhum estabelecimento físico. Exemplos: bancos digitais e faculdades EaD.

“Casa” como “sede de uma associação (academia, clube etc.)”, como em “(...) chego a esta Casa com meus deveres (...)”: a sede de uma associação também foi arranjada no nicho construção, pois o dicionário se refere ao estabelecimento de uma associação.

“Casa” como “abertura por onde passa o botão”: também chamada de “casa do botão”, a abertura do botão teve como significado sobressalente a construção, pois o corte de costura feito para passar o botão se trata de uma abertura física construída para esta finalidade.

“Casa” como “qualquer construção destinada a ser habitada”: pelo item lexical “construção”, utilizado na redação da acepção, consideramos seu significado explícito e sobressalente, por isso foi arranjado no nicho “construção”.

“Casa” como “estabelecimento comercial”, como em “casa de calçados”: nesse caso, o significado físico de “construção” coocorre com “lugar” de maneira explícita, especialmente se levarmos em conta que o DUPB foi elaborado a partir de um corpus formado por textos da segunda metade do século XX, época em que estabelecimentos comerciais eram predominantemente físicos.

## **Espaço**

“Casa” como “cada uma das doze divisões do zodíaco”: no nosso entendimento, está relacionada a lugar (significado implícito). Nesse sentido, a “casa do zodíaco” diz respeito à posição dos astros conforme são observados a partir da Terra, enquanto o espaço faz referência ao intervalo entre cada uma das casas do zodíaco. “Casa” como “espaço” foi identificado apenas nessa acepção.

## **Família**

“Casa” como “editora”, como em “as obras de M. Assis, publicadas pela Casa Jakson (...)”: entendemos que o significado implícito de “casa” diz respeito ao agrupamento de membros que possuem relações ou características em comum. Neste caso, uma editora trabalha principalmente com livros, não necessariamente aponta para a ideia de algo mais concreto, e, por isso, a acepção foi alocada no nicho “família”.

## **Lugar**

“Casa” como “lugar onde políticos se reúnem para deliberações” e “lugar onde se mora com a família”: nesses casos, o item lexical “lugar” foi utilizado na redação das acepções, o que nos levou a considerar ambos os significados explícitos e sobressalentes, e, por isso, foram arranjados no nicho “lugar”.

“Casa” como “cada uma das doze divisões do zodíaco”: novamente, porém dessa vez considerando seu significado explícito. Nesse caso, a “casa do zodíaco” faz referência à posição dos astros conforme observados da Terra, mas não se refere a algo construído.

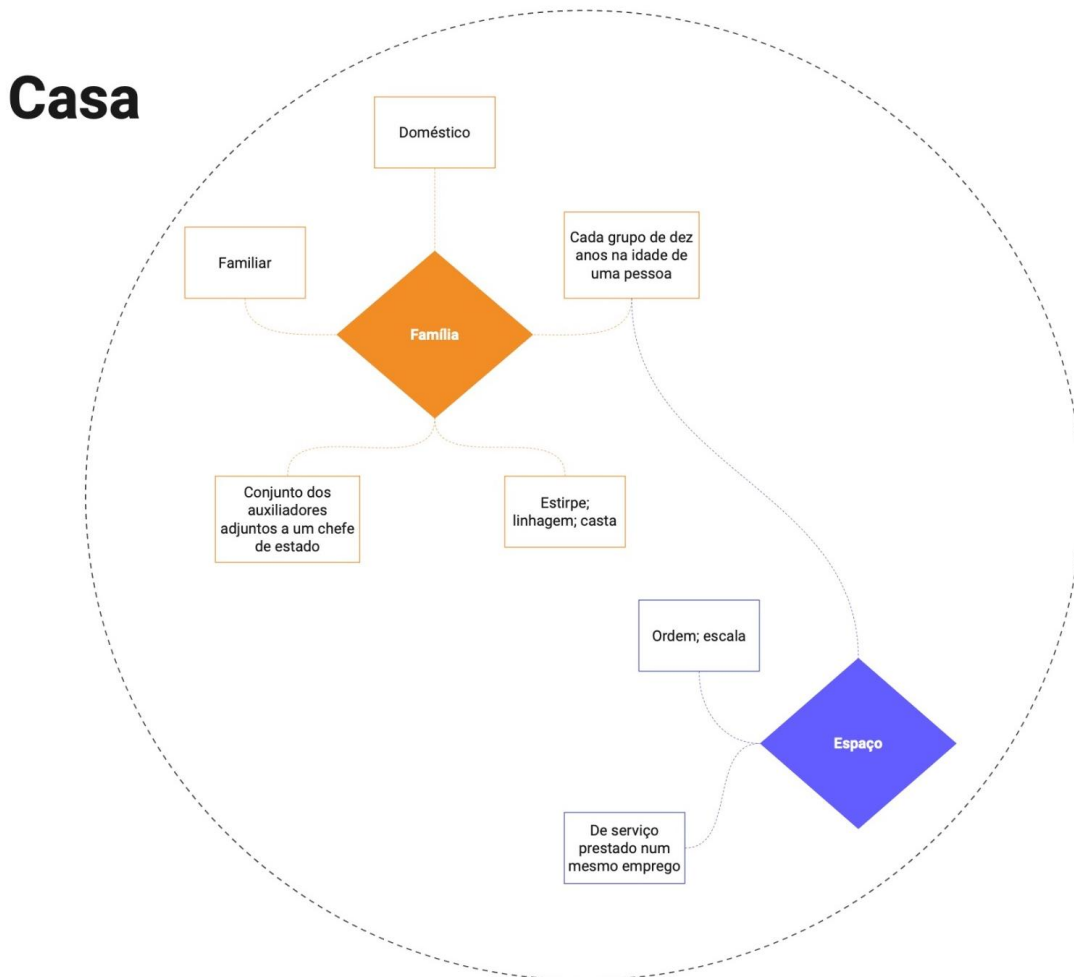
“Casa” como “refúgio/toca”: um refúgio pode fazer referência a lugares concretos, como refugiar-se para uma outra “casa”, e também a lugares independentes à construção, como refugiar de país, no qual a questão não é a construção em si, mas o ato de estar em situação de refúgio. Entretanto, ao apresentar também o item lexical “toca” na acepção, o dicionário inclina para a compreensão de algo que também é concreto, tratando de uma construção (toca de passarinho, por exemplo). Como não necessariamente refúgio se trata de uma construção, mas tanto refúgio como toca podem se referir a um lugar, a acepção foi arranjada no nicho “lugar”.

### **2.3.2 Significados subclassificados como abstrato no DUPB**

No que diz respeito aos significados abstratos, prevalecem os significados “família” e “espaço”, conforme indicados abaixo. Vale mencionar, neste momento da discussão, que todos os significados abstratos estão amparados por metáforas e/ou metonímias, bem como todos os significados abstratos foram classificados em nichos segundo a relação

semântica implícita da acepção, o que confere o grau de figuratividade desses significados, pois se distanciam do seu significado básico mais concreto.

Como resultado da elaboração dos mapas conceituais, neste caso, referente ao significado subclassificado como Abstrato pelo DUPB (2002), foram elencados os seguintes significados sobressalentes, conforme mostra a imagem abaixo.



**Figura 3:** Mapa conceitual dos significados abstratos de “casa” segundo a subclassificação do DUPB (2002)

Fonte: elaborado pelas autoras

## Família

“Casa” como “doméstico” como em “bichos grandes e miúdos, de casa e do mato”: nesse caso, compreendemos animais domésticos como um conjunto de seres que



compartilham características em comum, como membros de uma família. Essas características permitem que eles sejam criados dentro de uma casa ou nas suas imediações (como no quintal) e que atendam necessidades específicas dos seres humanos, como transporte, alimentação ou entretenimento. Algumas propriedades de animais domésticos são: comportamento dócil e não predatório em relação ao ser humano, possibilidade de adestramento e convivência pacífica com seres humanos. A metonímia ocorre ao se utilizar o entendimento de casa, a moradia do homem, para falar sobre a relação de domesticação do animal pelo homem. Metonímia: CASA PELA DOMESTICAÇÃO.

“Casa” como “cada grupo de dez anos na idade de uma pessoa”: cada grupo de dez anos se refere às casa decimais, a exemplo de 20, 30 e 40, e para expressar, por exemplo, que uma pessoa está “na casa dos 20”, ela pode ter entre 20 e 29 anos. Nesse sentido, a relação familiar está estabelecida na “morada” de pessoas com 20 e poucos anos na mesma casa decimal e por isso a acepção foi arranjada no nicho família - como se pessoas da mesma casa decimal estivessem agrupadas sob um mesmo abrigo, que diz respeito à década em questão, dando cabida a metáfora TEMPO É ESPAÇO, a qual parece motivar a metonímia CASA PELA IDADE.

“Casa” como “estirpe/linhagem/casta” como em “a casa de Bragança (...)”. Nesse caso, a casa faz alusão à constituição biológica dos seus moradores. Metonímia: CASA PELO DNA.

“Casa” como “conjuntos dos auxiliares adjuntos a um chefe de estado”, como em “o chefe da casa civil”: essa acepção apresenta a ideia de “conjuntos” de um grupo de pessoas (no caso, auxiliares), a ideia de conjunto de um grupo que tem a mesma função pode remeter à ideia de família, uma vez que estamos diante de uma relação de pessoas agrupadas sob uma mesma liderança, como membros de uma família. Metonímia: CASA POR UM CONJUNTO DE PESSOAS COM A MESMA FUNÇÃO.

“Casa” como “familiar”, como em “sou de casa, não faço milagres”. Metonímia CASA PELA FAMÍLIA.

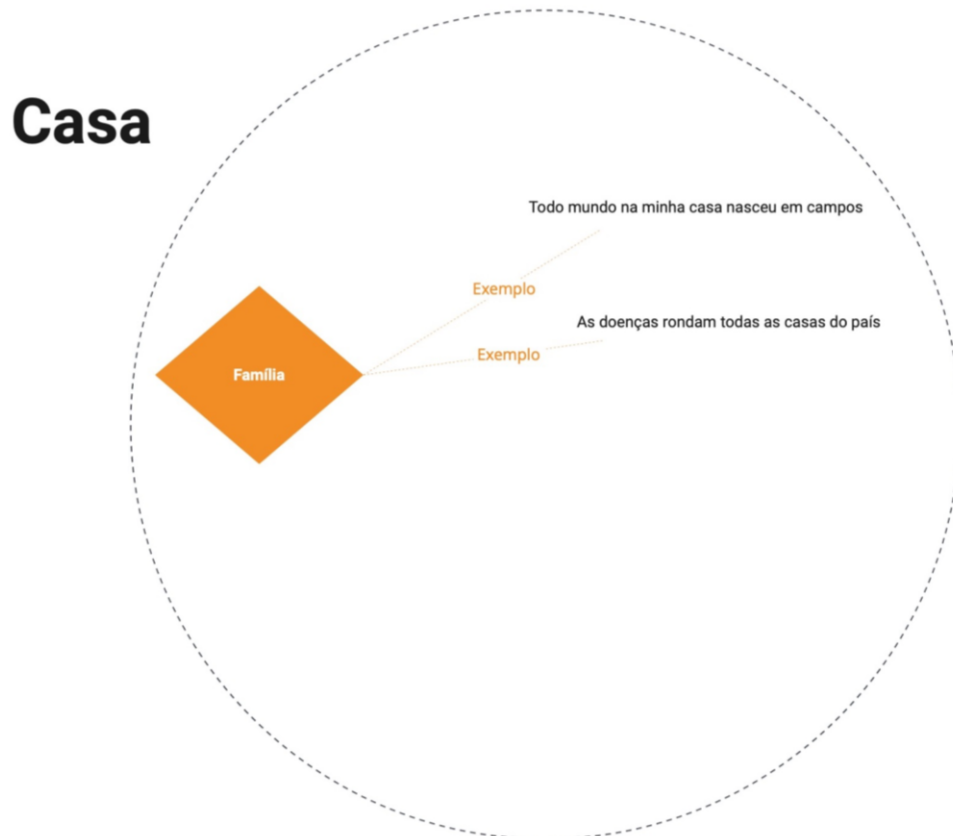
## **Espaço**

“Casa” como “ordem/escala”, como em “as exportações ultrapassaram um pouco a casa dos 98 milhões de dólares”: nesse caso, mudanças numéricas parecem estar concebidas em termos de espaço, como se fosse possível visualizar as suas oscilações e medi-las com uma régua, dando cabida a metáfora QUANTIDADE É AMPLIAÇÃO. Essa metáfora parece motivar a metonímia CASA PELA ORDEM/ESCALA.

“Casa” como “de serviço prestado num mesmo emprego”, como em “Altino, com uma carreira de 42 anos de casa”: nesse caso, o serviço parece ser entendido em termos de espaço, sugerindo a metáfora ATIVIDADE É ESPAÇO. Essa metáfora parece motivar a metonímia CASA PELO SERVIÇO.

### **2.3.3 Significado subclassificado como humano no DUPB**

Como resultado da elaboração dos mapas conceituais, neste caso, referente ao significado subclassificado como humano pelo DUPB (2002), foram elencados os seguintes significados sobressalentes, conforme mostra a imagem abaixo.



**Figura 4:** Mapa conceitual dos significados subclassificados pelo DUPB (2002) como Humano  
Fonte: elaborado pelas autoras

“Casa” como “família”, como em “as doenças rondam todas as casas do país” é o do substantivo família, por isso encontra-se no nicho família. Metonímia: HABITAÇÃO PELOS MORADORES (CASA PELA FAMÍLIA). É importante mencionar que o DUPB (2002) apresenta uma única acepção para a subclassificação Humano. Entretanto, como esse significado se trata de uma metonímia, estamos considerando-o um significado abstrato.

#### 2.4 Segunda etapa da análise: os significados de “casa” no corpus

Conforme mencionado na seção anterior, quando elaborado a partir de critérios específicos e utilizado de maneira planejada, um corpus é capaz de fornecer importantes informações sobre a língua e, assim, contribuir para a elaboração de dicionários. Em Brangel, Sartori e Camara (2024) estão prescritos parâmetros para a compilação de um corpus com textos voltados para crianças do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, junto

a uma proposta de compilação de um corpus com material aprovado pelo PNLD Literário<sup>22</sup>. Esse corpus de estudo, elaborado no âmbito do projeto de pesquisa ao qual pertence o presente trabalho, conta atualmente com 16 obras de ficção escritas para crianças.

Ainda que 16 livros possa parecer uma quantidade limitada de dados para um corpus, haja vista a volumosa quantidade de dados exibida por corpora famosos da atualidade<sup>23</sup>, é importante retomar alguns preceitos de Sardinha (2001) sobre a representatividade na Linguística de Corpus. De acordo com o autor, como não existem critérios definitórios de representatividade, um corpus pode ser considerado representativo de uma linguagem, idioma ou de sua variedade, desde que responda às perguntas “representativo do quê?” e “representativo para quem?”. No caso da presente pesquisa, objetiva-se trabalhar com um corpus que seja representativo da língua acessada por crianças do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental em atividades de leitura. Nesse caso, acreditamos que os 16 livros de ficção utilizados para a compilação do corpus sejam capazes de espelhar a língua em uso nessas mídias, uma vez que se tratam de obras aprovadas pelo Ministério de Educação, por intermédio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, responsável pela aprovação, compra e distribuição desses materiais em escolas da rede pública nacional. Levando em conta todas as especificidades dos livros selecionados para compor o corpus (aprovação por órgão governamental, distribuição em escolas e uso em sala de aula mediante intermediação do professor), entendemos que se trata de um corpus que possibilita analisar padrões e especificidades da língua escrita à qual crianças do 4º e do 5º ano estão expostas.

Após determinar os nomes dos nichos semânticos e organizar as acepções em mapas mentais (etapa 1), verificamos se o corpus de estudos apresentava quantidade satisfatória de ocorrências da palavra “casa” para uma análise qualitativa. Para tanto, carregamos os 16 arquivos do corpus na ferramenta AntConc e observamos as linhas de concordância da palavra “casa” (ferramenta KWIC do programa) e também a localização da palavra em cada um dos textos (ferramenta PLOT do programa). Essa primeira análise

---

<sup>22</sup> As edições mais recentes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático passaram a contemplar, além de livros didáticos, outros tipos de materiais, como livros de literatura. Esse segmento específico do programa recebeu o nome de PNLD Literário.

<sup>23</sup> A exemplo do Oxford English Corpus, que conta atualmente com 2,5 bilhões de palavras, e do Collins Corpus, atualmente com 20 bilhões de palavras.

revelou resultados bastante promissores: primeiramente, porque “casa” apareceu um total de 154 vezes no corpus, o que permite a análise do significado lexical em uma variada gama de contextos de uso; em segundo lugar, porque a palavra “casa” apareceu também em todos os 16 arquivos que compunham o corpus, o que indica que é uma palavra de alta incidência em textos voltados para crianças, ou seja, representativa do vocabulário infantil. Além disso, “casa” despontou como o segundo substantivo mais frequente no corpus.

Na etapa de análise dos dados do corpus, selecionamos as 154 ocorrências da palavra “casa” no corpus de estudo e colamos na coluna A de uma tabela do Google Planilhas. Analisamos, caso a caso, cada contexto de uso do item lexical “casa” e procuramos identificar o(s) significado(s) sobressalentes que subjazem seus usos. A análise levou em conta os mesmos critérios de classificação aplicados na identificação dos significados sobressalentes do DUPB (2002), tendo como objetivo verificar os significados mais presentes nos textos de livros de ficção voltados para crianças do 4º e 5º ano e, posteriormente, verificar se existem significados não contemplados pelas obras lexicográficas escolares. Neste momento da análise, nos restringimos a analisar o item lexical “casa”, ainda que tenham sido identificadas no corpus ocorrências da palavra no plural (casas), no diminutivo (casinha), no aumentativo (casarão), além de uma derivação (casebre).

Nas 154 ocorrências de “casa”, o significado “construção” despontou como o mais frequente, aparecendo 144 vezes. “Moradia”, em segundo lugar, ocorreu 126 vezes no corpus. “Família”, 47 vezes, seguido por “lugar”, 6 vezes. O significado “espaço” não apareceu nenhuma vez na referida análise.

Na maioria das ocorrências, “casa” aludiu a mais de um significado sobressalente, sendo “construção” e “moradia” os dois significados que mais coocorreram, como em “que eu leve esta folha velha com este Rabisco para casa e a emoldure e ponha na parede”. Nesse caso, a ocorrência aponta para a mobilização dos significados sobressalentes (i) “moradia” e (ii) “construção”. (i) “Moradia”, pois o contexto do corpus indica que o Rabisco (desenho) será levado para a casa de alguém, ou seja, a moradia dessa pessoa, e (ii) “construção”, pois remete à parede onde o Rabisco será pendurado.

“Moradia” e “família” também se sobrepuseram diversas vezes nas ocorrências analisadas, como em “Houve tempo de ligar para casa e falar com a mãe”. Nesse caso, a

ocorrência aponta para a mobilização dos significados sobressalentes (i) “moradia” e (ii) “família”, pois (i) a casa mencionada é a moradia da mãe do falante, e (ii) ligar para casa é uma metonímia CASA PELA FAMÍLIA/MORADORES, pois o falante não planeja ligar para a casa com sentido de construção, mas sim para as pessoas que nela moram. A ocorrência “A cobra, porém, de espírito independente, saiu logo de casa para ganhar o mundo” é outro exemplo cuja ocorrência aponta para a mobilização dos significados sobressalentes “moradia” e “família”. Nesse caso, a preposição “de” (em “sair de casa”) remete ao significado sobressalente “construção”, mas neste uso a saída se refere à independência ao sair do núcleo familiar, logo, é um uso metafórico que mobiliza os significados sobressalentes (i) “moradia”, pois a saída se refere não somente ao lar onde a cobra mora, mas também à (ii) “família”, ou seja, ser independente das pessoas que moram na casa, motivada pela metonímia CASA PELA FAMÍLIA/MORADORES.

Poucas foram as ocorrências de significados isolados. Nas ocorrências verificadas, “construção” foi o significado que mais apareceu isoladamente. Um exemplo de “casa” como “construção” com sentido isolado (ou seja, sem se sobrepor a outro significado) ocorre em “E cada um fez também uma parte da casa. Todos. Menos o Cachorro. Quando a casa ficou pronta[...]”. Nesse caso, “casa” tem o significado “construção” mobilizado, pois o uso refere-se à construção literal da casa, no sentido concreto. Por outro lado, foi verificada também a mobilização de quatro significados sobressalentes, “moradia”, “construção”, “família” e “lugar”, que ocorreu duas vezes em todo o corpus, a saber, “O que o dono da casa respondeu significa que aqui no céu o orador deve [...]” e “Então o Leopardo disse: Você não pode resolver nada nesta casa, porque ela não é sua. Dono é quem faz [...]”. Nesses dois casos, quatro significados sobressalentes foram encontrados, (i) “construção”, (ii) “moradia”, (iii) “lugar” e (iv) “família”, onde, em ambas as ocorrências, que constam no mesmo livro, (i) trata-se de “construção”, porque refere-se à casa no sentido concreto, isso fica claro pelo uso de “ela [a casa] não é sua”, apontado pelo uso do pronome possessivo; (ii) a partir de um contexto mais amplo da história, sabemos que a narrativa se trata da construção de uma grande casa que servirá de moradia para diferentes animais; (iii) a história também apresenta a ideia de organização entre os moradores (os animais que construíram a casa), a qual pode remeter à ideia de lugar onde se resolvem assuntos específicos, além disso, a casa não é somente moradia, mas também o lugar (no sentido de instituição) onde os moradores se reúnem e discutem a organização

e o convívio naquela casa; e (iv) apresenta nuances do significado de “casa” como “família”, pois ter alguém que manda na casa, ou seja, ter uma organização hierárquica, na qual geralmente quem ocupa o topo são os pais, aponta para a noção do significado sobressalente “família”.

Cumprir mencionar, também, a observação de um significado novo, que apareceu cinco vezes no corpus e que não é registrado pelo DUPB (2002), mas é encontrado no AuLP (2004). Trata-se do significado de “casa como bem/posse”, um significado de motivação metonímica, na nossa opinião, uma vez que remete às coisas que se tem em uma casa, como mobília e objetos, por exemplo. Um exemplo desse significado aparece na ocorrência “[...] risco de ser jogado fora enquanto arrumavam e limpavam a casa.” Nesse caso, além dos significados sobressalentes “construção” e “moradia”, “arrumar a casa” parece fazer referência às coisas da casa, e não a sua construção, por exemplo, já que não temos como arrumar a construção de uma casa no sentido literal, o que parece apontar para uma metonímia CASA PELOS OBJETOS/MOBÍLIA.

Com o intuito de verificar se os dicionários escolares analisados registravam os significados observados no corpus de estudo, realizamos a última etapa de análise, que diz respeito ao cotejo dos significados observados no corpus com as acepções constantes no verbete “casa” de três dicionários escolares. Essa última análise verifica se os dicionários escolares de uma determinada etapa escolar estão em consonância com os livros de literatura da mesma etapa. Levando em conta que o dicionário corresponde a um objeto de consulta a dúvidas sobre a língua, e que provavelmente será utilizado pelos alunos em suas atividades de leitura, é imprescindível que seus verbetes registrem os significados constantes nos livros didáticos e literários.

Para cotejar os significados do corpus com as acepções das obras escolares, a saber, AuII (2008), DiJr (2005) e SaJr (2010), foram elaborados mapas conceituais referentes ao verbe “casa” de cada um dos dicionários escolares analisados. O processo para a elaboração dos mapas conceituais seguiu as mesmas diretrizes descritas na seção 2.3.

Essa última análise revelou que, dentre os cinco significados sobressalentes resultantes da análise do DUPB (2002), pelo menos dois são registrados explicitamente pelos dicionários escolares e pelo menos quatro são registrados implicitamente. O único dicionário a registrar implicitamente todos os cinco significados sobressalentes é o SaJr (2010). O DiJr (2005) registra as acepções cujos significados sobressalentes explícitos são

“casa” como “construção”, “família” e “lugar”, enquanto registra quatro dos cinco significados sobressalentes implícitos, a saber, “casa” como “construção”, “moradia”, “família” e “lugar”. O AuIl (2008) registra as acepções cujos significados sobressalentes explícitos são “casa” como “construção” e como “lugar” e, apesar do baixo número de significados explícitos, são registrados quatro dos cinco significados sobressalentes implicitamente, a saber, “casa” como “construção”, “moradia”, “família” e “lugar”. Por fim, o SaJr (2010) registra as acepções cujos significados sobressalentes explícitos são “casa” como “construção” e “lugar”, enquanto são registrados cinco dos cinco significados sobressalentes implícitos, a saber, “casa” como “construção”, “moradia”, “família”, “lugar” e “espaço”. O SaJr (2010) é o único a apresentar em uma de suas acepções “casa” como “Posição dos algarismos em relação a outros na formação de um número”, ou seja, trata-se da definição de “casa” como “casa decimal”. Nesse sentido, ao consultar o mapa conceitual dos significados abstratos do DUPB, verificamos que a acepção que se assemelha a mesma ideia é “casa” como “cada grupo de dez anos na idade de uma pessoa”, que foi arranjada no nicho “família” e “espaço” (para explicação, ver seção 2.3).

Conforme discutido na seção 2.4, identificamos um significado no corpus que não está registrado no DUPB (2002), trata-se de “casa” como “bem/posse” e, portanto, não consta em seus mapas conceituais. É interessante observar que os dicionários escolares também não fazem menção a esse significado, que ocorre um total cinco vezes no corpus. Essa constatação reforça uma observação que já pontuamos em estudos anteriores (ver Brangel 2013a, 2013b e 2013c e Brangel e Bugueño Miranda 2013, 2014), a qual diz respeito à necessidade de diretrizes metodológicas voltadas à orientação do trabalho lexicográfico brasileiro. Nesse caso em específico de um item lexical polissêmico, ao não contemplarem todos os significados do item lexical “casa” que ocorrem no corpus, os dicionários escolares deixam transparecer carências de diretrizes que assegurem a elaboração de verbetes úteis aos seus consulentes. Nesse sentido, reforçamos a necessidade de ampliar as pesquisas com corpus voltadas para a compilação de obras dicionarísticas, conforme discutido em Brangel, Sartori e Camara (2024).



### 3. Considerações finais

Este artigo apresentou a primeira aplicação de um método que foi desenvolvido concomitantemente à presente pesquisa. Esse método procurou gerar dados úteis para que alcançássemos o objetivo principal da pesquisa, qual seja, o de propor melhorias aos dicionários escolares a partir de uma pesquisa lexical que se valesse do aparato teórico da Semântica Cognitiva e investigasse os significados de um substantivo altamente polissêmico por meio de um corpus compilado por textos escritos para crianças.

As análises conduzidas ao longo do trabalho nos levaram a resultados deveras satisfatórios, conforme apontam as seções “2.3 Primeira etapa da análise: os significados de ‘casa’ nos dicionários” e “2.4 Segunda etapa da análise: os significados de ‘casa’ no corpus”. Tais resultados lançam luz ao aprimoramento e à ampliação metodológica para dar conta de pesquisas futuras que objetivem investigar outros itens lexicais além de “casa”.

Os resultados obtidos mostraram que o item lexical “casa” é muito presente nos textos voltados para crianças, aparecendo em todos os 16 arquivos que compõem o corpus de livros de ficção. Dessa forma, a primeira conclusão oriunda desses dados é que o item lexical “casa” deve integrar a macroestrutura de dicionários Tipo 2, uma vez que esse tipo de dicionário deve atender estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, de acordo com a classificação estabelecida pelo MEC. Levando em conta que nosso corpus de estudo foi composto por livros voltados para crianças do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, a presença do verbete “casa” na obra garante que um item lexical recorrente nos livros possa ser consultado pelo aluno em um dicionário caso surjam dúvidas sobre o significado ou a grafia da palavra. Além de compor a nominata do dicionário, a alta frequência de “casa” no corpus também sugere que ela seria uma boa candidata para integrar o vocabulário controlado do dicionário, garantindo assim que definições e exemplos dessas obras fossem escritas apenas com palavras que, primeiramente, integrassem a nominata do dicionário, e, em segundo lugar, fossem recorrentes no vocabulário do consulente. Essa estratégia, amplamente utilizada por dicionários de língua inglesa voltados para falantes não nativos, previne, dentre outras coisas, que o entendimento da definição ou do exemplo lexicográfico seja prejudicado em razão de um vocabulário pouco acessível para o consulente.

Os resultados da análise também revelaram que a palavra “casa” é altamente polissêmica, com grande prevalência de significados figurados. Ao todo, foram identificadas ocorrências de pelo menos cinco significados de “casa” no corpus de textos voltados para crianças do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental: “casa” como “construção”, “moradia”, “lugar”, “família” e “bens/posse”, com exceção apenas de “casa” como “espaço”. Como esses significados aparecem recorrentemente em nosso corpus e são, muitas vezes, essenciais para o entendimento do texto por parte do leitor, outra importante conclusão é que os significados arrolados e discutidos na seção de análise do corpus (seção 2.4) devem constar nos verbetes dos dicionários escolares Tipo 2. Logo, salientamos a importância de se definir todos esses significados nos verbetes dos dicionários escolares Tipo 2, para que as obras, de fato, consigam auxiliar seus consulentes nas atividades de leitura. Sobre esse aspecto, reforçamos ainda que apesar de alguns significados aparecerem nos verbetes das obras escolares analisadas, nenhuma dessas obras congrega todos os cinco significados de “casa” verificados no corpus, haja vista a ausência do registro de “casa” como “bens/posse” e “espaço”. É indispensável, portanto, que os dicionários escolares brasileiros baseiem suas pesquisas em análise de corpus.

Além do estudo dos significados de “casa”, o corpus também revelou informações em relação à forma como “casa” aparece na literatura infantil. Uma delas foi a possibilidade de observar as variações de “casa”, sendo elas o plural (casas, com 23 ocorrências), o diminutivo (casinha, com 9 ocorrências), o aumentativo (casarão, com 1 ocorrência) e uma derivação (casebre, com 5 ocorrências), itens lexicais que não compuseram a análise deste estudo, mas corroboram para a afirmação da importância do substantivo “casa” no repertório lexical de textos voltados para crianças.

Outra característica bastante genuína do corpus analisado diz respeito ao alto grau de figuratividade de algumas histórias. O fato do corpus ter sido composto por textos voltados para crianças exigiu atenção adicional no decorrer das análises, uma vez que muitos textos exploram o imaginário infantil, descrevendo fatos e acontecimentos que transcendem o mundo real. Um exemplo encontra-se no excerto “toda casa gostava de usar chapéu”, em que a palavra “chapéu” faz alusão ao telhado da casa.

O estudo ora desenvolvido promove uma relação profícua entre Linguística e Lexicografia, uma vez que possibilita o contato entre as duas disciplinas e gera dados relevantes para ambas as partes: para a pesquisa linguística, ao analisar dados extraídos

de dicionários e de um corpus e promover discussões sobre o significado lexical de uma palavra altamente polissêmica como “casa”, e também para a pesquisa lexicográfica, ao se amparar nas reflexões teóricas da Semântica Cognitiva para propor sugestões de melhorias à pesquisa lexicográfica brasileira.

### **Referências bibliográficas**

- ABDELZAHER, E. Cognitive Linguistics and Digital Lexicography. In: *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. Xu Wen; John R. Taylor (Eds.) , New York: Routledge, p. 568-584, 2021.
- ATKINS, B. T. S.; RUNDEL, M. *The Oxford guide to practical Lexicography*. Oxford University Press: Oxford, 2008.
- BARCELONA SÁNCHEZ, A. O poder da metonímia. *Cadernos de tradução*, Porto Alegre n.25, 2009.
- BIDERMAN, M. T. Os dicionários da contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p.129-142.
- BRANGEL, L. M. Dicionários escolares e ensino de língua portuguesa. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 19, p. 217-229, 2013a.
- BRANGEL, L. M.. Considerações sobre o Programa Constante de Informações de dicionários escolares de língua portuguesa voltados para o público infantil. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 18, p. 155-177, 2013b.
- BRANGEL, L. M.. Contribuições para a lexicografia pedagógica a partir de dados extraídos de livros didáticos. *Estudos da Língua(gem)*, v. 11, p. 43-61, 2013c.
- BRANGEL, L.M. *Proposta teórico-metodológica para a geração de paráfrases explanatórias em dicionários voltados para crianças: uma abordagem cognitiva*. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre.
- BRANGEL, L. M.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. . Sobre a Semântica Cognitiva e suas possíveis contribuições para a geração de paráfrases explanatórias em dicionários Tipo 2. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 13, p. 983-1009, 2013.

BRANGEL, L. M.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. . Sobre a função de dicionários escolares voltados para o segundo ciclo do Ensino Fundamental. *Linguística*, v. 10, p. 377-392, 2014.

BRANGEL, L. M.; SARTORI, B. N.; CAMARA, M. L. P. da. Parâmetros para a compilação de um corpus em português brasileiro feito a partir de textos voltados para crianças. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v.29, n.1, 2024.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Balanços e perspectivas da lexicografia. *Cadernos de tradução*, n.32, p.15-37, 2013.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. *Alfa: Revista de Linguística* , v. 58, p. 215-231, 2014.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CHISHMAN, R. L. O. ; BRANGEL, L. M. ; SOUZA, D. S. ; NARDES, A. ; SILVA, B. ; OLIVEIRA, S. . Dicionário Olímpico: a semântica de frames encontra a lexicografia eletrônica. In: Maria José Bocorny Finatto; Rozane Rodrigues Rebechi; Simone Sarmento; Ana Eliza Pereira Bocorny. (Org.). *Linguística de Corpus: Perspectivas*, v. 1, p. 265-298. 2018.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FORNARI, M. K.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Análise do dicionário de usos do português do Brasil. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, n.5, 2006.

GÄRDENFORS, P. Some tenets of cognitive semantics. In: ALWOOD, J.; GÄRDENFORS, P. (Org.). *Cognitive Semantics: meaning and cognition*. Amsterdam:

John Benjamins, 1999. p.19-36

GEERAERTS, D. Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2006. p.1-28

GEERAERTS, D. Theories of Lexical Semantics. New York: Oxford University Press, 2010.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], v.1, 1990.

HARTMANN, R. R. K. Lexicography and its interdisciplinary contacts, with special reference to Linguistics and Onomasiology. *Lexikos*, v.15, 2005.

- HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London/ New York: Routledge, 2002.
- LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, n.1, v.1, p.39-74, 1990.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*. Nova York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- LANDAU, S. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LU, H.; ZHANG, Y.; HAO X, The contribution of Cognitive Linguistics to the acquisition of polysemy: a dictionary entry-based study with chinese learners of English. *International Journal of Lexicography*, v. 33, n.3,p.306–336 2020.
- MOON, R. Dictionaries and metaphor, metaphor and dictionaries. In: GOTTLIEB, Henrik et al (eds.). *Symposium on Lexicography XI: Proceedings of the Eleventh International Symposium on Lexicography*, Niemeyer, 2002, p.392-399.
- MOON, R. On specifying metaphor: an idea and its implementation. *International Journal of Lexicography*, Oxford, v.17, n.2, p.195-222, 2004.
- MOON, R. What can a corpus tell about lexis? In: A. O’Keeffe; M. McCarthy (Eds.), *The Routledge handbook of corpus linguistics*. London: Routledge, p.197-211, 2010.
- OLIVEIRA, A. F. S.; PIPER, G. H. ; GATTI, C. R. Utilização de corpora extraídos da web em um dicionário enciclopédico do novo coronavírus. *Letras*, v. 31, p. 82-96, 2021.
- OSTERMANN, C. *Cognitive Lexicography. A new approach to lexicography making use of cognitive semantics*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2015.
- PELOSI, A. C. *Cognição e linguística*. In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes; FARIAS, Emilia Maria Peixoto (Org.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs, 2014.
- RIEMER, N. *Introducing Semantics*. New York: Cambridge University Press, 2010.

- ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.104, n.3, 1975.
- ROSCH, E., MERVIS, C.B.; GRAY, W.D.; JOHNSON, D.M.; BOYES-BRAEM, P. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, v.8, n.3, p. 382-439, 1976.
- SALOMÃO, M. M. M.; TORRENT, Tiago Timponi ; SAMPAIO, T. F. . A linguística cognitiva encontra a linguística computacional: notícias do projeto FrameNet Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, p. 7-34, 2013.
- SARDNHA, T. B. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. *DELTA*, São Paulo, v.16, n.2, p.323-367, 2000.
- SWANEPOEL, P. Dictionary typologies: A pragmatic approach. In: STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2003.
- UNGERER, F.; SCHMID, H. *An introduction to Cognitive Linguistics*. 2.ed. London: Longman, 2006.
- WELKER, H. A. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WELKER, H. A. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*, Rio de Janeiro, ano 13, n.19, 2006.
- WOJCIECHOWSA, S. Hand in hand or separate ways: navigation devices and nesting of metonymic BODY PART Multiword Expressions in monolingual English learners' dictionaries. *International Journal of Lexicography*, v.36, n.4, p.388–408, 2023.

### **Dicionários citados:**

- UNESP. BORBA, F. (org.) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AuIL. FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio Ilustrado*. 1.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.
- AuLP. FERREIRA, A. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 1.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- DiJr. MATTOS, G. *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa*. 3.ed. São Paulo: FTD, 2005.
- DUPB. BORBA, F. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. 1.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- HouLP. HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.

MILP. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.  
SaJr. Saraiva Júnior: *Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado*. 3.ed. São Paulo:  
Saraiva, 2010.